



Comunicação sindical na Internet: reflexões sobre visibilidade, interação e participação¹

Daiane Bertasso Ribeiro²

Maria Ivete Trevisan Fossá³

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Resumo: Este estudo pretende uma reflexão teórica sobre os conceitos de visibilidade, interação e participação na Internet, tendo como pano de fundo e exemplificação a questão sindical. Na atual sociedade midiaticizada estas e outras instituições adotam lógicas interativas por meio de sites institucionais, como estratégias de comunicação nessa ambiência midiática da internet. Assim, a reflexão aqui apresentada procura problematizar se essa estratégia adotada pelo campo sindical explora as potencialidades da Web e promove uma interação que possibilite a participação dos seus sindicalizados.

Palavras-chave: visibilidade na internet; interação; participação.

Introdução

O desenvolvimento das novas tecnologias de informação modificou os meios pelos quais são realizados os processos de comunicação. O contexto cibercultural exigiu que muitas instituições, entre estas os Sindicatos, ofertasse outras possibilidades de visibilidade, “interação” e “participação”. Considerando que no contexto atual as mídias são os dispositivos de visibilidade dos sujeitos e das instituições, estas, em sua maioria recorrem a estratégias de visibilidade na esfera midiática, em especial, na Internet, por meio dos sites institucionais, com o objetivo de adequar-se a este contexto. Além de tornarem-se visível no ciberespaço buscam serem reconhecidas como instituições que têm importância nesta nova ambiência.

O presente estudo objetiva refletir sobre os conceitos de visibilidade, interação e participação no contexto midiaticizado, em especial na Internet, levando-se em conta o princípio da comunicação como a reciprocidade e interação entre os comunicantes. A partir disso, se pretende relacionar estes conceitos com as estratégias de visibilidade dos sindicatos na Internet, por meio dos seus sites institucionais, problematizando o potencial destes para tornar essas instituições reconhecidas nessa ambiência e promover a interação dos sindicatos com seus públicos.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação Multimídia, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Mestranda em Comunicação Midiática na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Jornalista – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ (2003). Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Gestão de Processos em Comunicação pela UNIJUÍ (2007). E-mail: daiabertasso@yahoo.com.br

³ Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM. Mestre em Comunicação pela UMESP/SP e Doutora em Administração pela UFRGS/RS. Atua no programa de pós-graduação em Comunicação e de pós-graduação em Administração da UFSM. Email: fossa@terra.com.br



A presente reflexão é embasada em pesquisa bibliográfica. Inicia-se pela busca de visibilidade e reconhecimento das instituições na Internet, no sentido de contextualizar os atuais dispositivos de visibilidade, por meio das diferentes mídias, ou seja, o processo de midiáticação, enfatizando-se, em especial, a Internet, a qual tem modificado as formas dos sujeitos se relacionarem, interagirem, participarem dos processos sociais, e buscarem estratégias para serem reconhecidos neste contexto.

Outra questão que é o ponto chave da abordagem adotada neste artigo se refere a comunicação na Internet como uma relação participativa na tentativa de refletir sobre a interação que ocorre entre os sujeitos que têm acesso a mensagens e interações por meio da Internet. Em seguida apresentamos os conceitos de Primo (2007), adotados neste estudo, de interação mútua e reativa.

E, entendendo que os sindicatos são instituições que necessitam da participação de seus sindicalizados para serem reconhecidos, sustenta-se neste item a hipótese do trabalho de que a interação mútua é uma condição necessária para que ocorra a participação por meio da Internet. Por fim, exemplificamos as questões teóricas abordadas trazendo uma breve síntese crítica de quatro sites institucionais de sindicatos de professores inseridos no contexto do município de Santa Maria – RS; e apresentamos nossos questionamentos finais, com base nos conceitos de visibilidade, participação e interação, refletindo sobre as estratégias de comunicação dos sindicatos na Internet, e sobre as possibilidades de interação nestes contextos.

1 – A busca de visibilidade e reconhecimento na Internet

Nos últimos anos muito se tem falado nas pesquisas sobre o campo da comunicação nas organizações e sobre a influência das mídias neste contexto, procurando se destacar as estratégias de comunicação utilizadas pelos sujeitos e organizações para obterem espaço, reconhecimento, ou seja, visibilidade e legitimação na “sociedade midiaticizada”. Compartilhamos com o pensamento de Antônio Fausto Neto (2006), o qual considera os fenômenos atuais relacionados com as mídias, como tendo passado pela transformação das “sociedades midiáticas” em “midiaticizadas”, as quais ele diferencia:

Na primeira, as mídias representavam um lugar de interação dos demais campos sociais, inclusive o da política. Na segunda, as mídias se constituem em um aspecto de uma complexa ordem e cultura que dá origem a uma ambiência que é tecida e



estruturada pelo trabalho das linguagens, engendrando-se uma nova maneira de funcionar das diferentes práticas das instituições (FAUSTO NETO, 2006, p.159).

Essa ambiência da sociedade midiaticizada de que fala Fausto Neto (2006) já havia sido apresentada por Muniz Sodré (2002) ao referir-se a uma “tecnomediação”, em que o autor situa a mídia contemporânea na esfera das relações sociais moldadas pela cultura tecnológica, a “tecnocultura”, sendo esta constituída por mercado e meios de comunicação, que formam o “quarto bios”, o “bios midiático”, (SODRÉ, 2002, p.27-28).

A necessidade de estar nas mídias, de obter visibilidade por meio delas é tanta, que muitas vezes sujeitos e organizações acabam colaborando para formar representações pejorativas de si próprios. Isso porque no momento em que as organizações tornam-se visíveis, institucionalizam seus valores, suas ideologias, seu posicionamento político e econômico, elas passam a ser “vigiadas” pelas mídias, as quais se definem como (in)formadoras da opinião pública, e da mesma forma as mídias são “vigiadas” pela opinião pública.

Rodrigues (1997) fala dos “dispositivos maquínicos da vigilância”, os quais naturalizam os modelos do poder disciplinar e que, finalmente com as novas tecnologias os vigiados se tornam vigilantes. “Inspeccionados e inspectores confundem-se na moderna categoria da opinião pública, interiorizando-se de maneira doce e asséptica a disciplina do poder das massas, das maiorias silenciosas, de todos sobre todos” (RODRIGUES, 1997, p. 167- 168).

Compreender o regime de visibilidade na sociedade midiaticizada leva a questionar por que as organizações necessitam de visibilidade institucional e reconhecimento. O pensamento de Rodrigues sobre “regimes de visibilidade” e de Berger e Luckmann sobre “legitimação” ajudam a compreender que as instituições necessitam encontrar modos pelos quais possam explicar e justificar sua existência. A questão da “legitimação” é explicada por Berger e Luckmann em quatro níveis (1997, p.129-131): 1) Sistema de objetivações lingüísticas da experiência humana é transmitido; 2) Proposições teóricas rudimentares, esquemas explicativos que relacionam conjuntos de significações objetivas, por exemplo: lendas, histórias populares, mitos, etc.; 3) Teorias explícitas em que um setor institucional é legitimado em termos de um corpo diferenciado de conhecimentos; 4) Os universos simbólicos⁴ enquanto corpos de tradição teórica que integram diferentes áreas de significação

⁴ Para Berger e Luckmann (1997), “... o universo simbólico fornece uma integração unificadora de *todos* os processos institucionais separados. A sociedade inteira agora ganha sentido. Instituição e papéis particulares são legitimados por sua localização em um mundo compreensivelmente dotado de significação” (p. 141).

e abrangem a ordem institucional em uma totalidade simbólica.

Berger e Luckmann (1997) consideram que no quarto nível de legitimação, o dos universos simbólicos, é que a integração reflexiva de processos institucionais alcança sua plena realização, em que a sociedade ganha sentido. Neste nível é que se encontram os dispositivos de comunicação e visibilidade que mantêm ou transformam os universos simbólicos, prescrevendo as “regras” de legitimação na sociedade midiaticizada.

John Thompson (2008) fala de uma “nova visibilidade” relacionada às novas maneiras de agir e interagir trazidas com a mídia e descreve três tipos de interação: face a face, mediada, quase-interação mediada. O contexto da interação “face a face” é o de co-presença e os participantes dividem referências de tempo e espaço. Implica um caráter dialógico. As “interações mediadas” diferem da interação face a face em diversos aspectos, como em relação às referências simbólicas, ao espaço-tempo, ao nível de reciprocidade e interação. A “quase-interação mediada” surge com os meios de comunicação de massa e diferencia-se das demais interações em dois aspectos: as formas simbólicas são produzidas para um número indefinido de receptores e seu fluxo de comunicação é de sentido único, caracterizada por Thompson (2008) como monológica. Em especial, em se tratando de Internet, o autor distingue as várias formas de interação mediada por computador, em que em alguns casos se assemelha com a “interação mediada” que se utiliza para escrever uma carta, por exemplo, como no caso do e-mail, apesar das condições espaços-temporais serem totalmente diferentes. Em outros casos, como o bate-papo em tempo real, a interação por meio da Internet se assemelha ao que o autor chama de “quase-interação mediada”, como o que ocorre da interação por livros, jornais, rádio, etc. Decorrente dessas novas formas de interação Thompson (2008) argumenta sobre o nascimento da visibilidade mediada:

Nessa nova forma de visibilidade mediada, o campo da visão não está mais restrito às características espaciais e temporais do aqui e agora, ao invés disso molda-se pelas propriedades distintivas das mídias comunicacionais, por uma gama de aspectos sociais e técnicos (como angulações de câmera, processos de edição e pelos interesses e prioridades organizacionais) e por novas formas de interação tornadas possíveis pelas mídias (THOMPSON, 2008, p.21).

Reconhece-se na visibilidade mediada de que fala Thompson (2008) características dos três tipos de interação: os participantes do processo comunicativo podem ou não partilhar referências de espaço e de tempo; a interação pode ter um caráter dialógico como no caso de um *chat* ou monológico como em notícias divulgadas on-line; e os participantes podem



empregar diferentes marcas simbólicas para transmitir e interpretar mensagens de acordo com os recursos disponíveis no espaço em que se desenvolve a interação.

A complexidade dos processos interativos mediados pelo computador é retomada por Primo (2007) ao revisar os estudos tradicionais de interação humana e perceber os interagentes como ativos e criativos na relação estabelecida entre sujeitos. Fundamentado em uma abordagem sistêmico-relacional e afastando-se da corrente tecnicista, Primo (2007) propõe dois tipos de interação mediada por computador: interações mútuas e interações reativas (ver no item 2.1).

2 – A comunicação na Internet como uma relação: reflexões sobre interação

Hoje, as novas tecnologias, cada vez mais, proporcionam uma tecnointeração entre indivíduos e máquinas. Neste contexto, Primo (2007) relata que as teorias que se dedicaram a estudar os processos de comunicação tiveram sempre a preocupação de tratar dessa relação homem/máquina, já que o desenvolvimento da comunicação se deu através do aprimoramento dos meios tecnológicos utilizados para este fim, desde a criação da prensa gráfica de Gutenberg, por volta de 1450, até as atuais potencialidades da Web 2.0. Por essa razão, algumas abordagens recentes sobre o uso das novas tecnologias informáticas, principalmente na comunicação, nos remetem aos estudos dos primeiros teóricos da área, como Marshall McLuhan (1969), o qual sentenciou os meios de comunicação como extensões do homem. Este aspecto da relação homem/máquina é expresso nos textos de vários outros autores, tendo como marco o modelo informacional transmissionista de Shannon e Weaver (1962), o qual obedece a um processo linear que parte da fonte de informação, transmissor, canal, receptor e destinatário, identificando também o sinal enviado, o sinal recebido, a mensagem e o ruído. Essa visão tecnicista e transmissionista é, para Primo (2007), a abordagem da maioria dos teóricos sobre interações mediadas por computador, os quais se detêm aos aspectos e potencialidades físicas do meio, em detrimento da relação social entre os interagentes.

Ainda em relação a visão tecnicista, Primo (2007) afirma que estas parecem mais interessadas em comercializar o conceito de “interatividade” no meio informático, sem questionar as diferenças entre homens e máquinas, como se bastassem aos meios tradicionais de comunicação e instituições de um modo geral colocar a disposição de seus integrantes recursos informáticos para que a efetiva interação ocorra. Para mostrar que a interatividade não pode ser tratada de modo simplista, Primo (2007) adota uma abordagem sistêmico-relacional para o estudo da interação mediada por computador, enfatizando principalmente o



contraste entre seres humanos e máquinas e defendendo um olhar que se posiciona no centro dos pólos de produção e recepção. “Entendendo que interação é ‘ação entre’ e comunicação é ‘ação compartilhada’, quer-se estudar o que se passa entre os participantes da interação, aqui chamados interagentes” (PRIMO, 2007, p56). Com esta visão elabora duas grandes tipologias para a questão interacional: as “interações mútuas” (que enfatizam as relações entre os indivíduos que se reúnem em torno de contínuas problematizações motivadas por constantes negociações); e as “interações reativas” (que são predeterminadas e condicionam as trocas, são relações potenciais de estímulo-resposta impostas por um dos envolvidos na interação, podendo este ser tanto um ser humano quanto uma máquina).

Além de distinguir a interação mútua da reativa, Primo (2007) também amplia a discussão sobre os processos de conflito e cooperação no ciberespaço, considerando tanto aspectos sociais quanto as implicações das interfaces digitais. O autor esclarece que conflito e cooperação não se opõem em interações mediadas por computador, usando como exemplo a formulação mais conhecida da Teoria dos Jogos, que é o chamado "dilema do prisioneiro", de Axelrod (1997), que se configura em um jogo em que a melhor forma dos prisioneiros reduzirem suas penas será se um cooperar com o outro. Para Axelrod (1997), neste jogo cooperar é bom, o inverso é ruim e deve resultar em punição. Neste sentido, Primo (2007) critica o posicionamento de Axelrod (1997), observando que o mesmo não leva em conta para o que se coopera, se é para a realização de uma pintura em grupo ou um crime organizado, por exemplo. "Na verdade, não existe a consideração da natureza do relacionamento, nem tampouco de seus aspectos qualitativos" (PRIMO, 2007, p. 208). O autor afirma que cooperação e conflito não se opõem e que interagir é estar em conflito e, também, que negar o conflito seria negar a própria possibilidade de comunicação. Além disso, Primo (2007) destaca que não está querendo louvar o conflito, mas busca criticar a separação maniqueísta entre conflito e cooperação, pois para ele nem a cooperação é sempre produtiva e intencional e nem o conflito é sempre prejudicial e destrutivo. Tanto a cooperação quanto o conflito em alguns casos se inter-relacionam, pois, por exemplo, a discordância de idéias em um debate pode colaborar para construir um conhecimento novo, ou seja, foi uma situação de conflito que gerou cooperação.

Consideramos a abordagem de Primo (2007) inovadora, pois ele traz para o debate no contexto do Ciberespaço questões que são cruciais para a definição do que seja realmente a comunicação nas relações sociais. Este aspecto vem sendo tratado por diversos autores de Teorias da Comunicação, como Adair Peruzzolo (2006), o qual define a comunicação como encontro, em que o sentido da comunicação é a busca do outro, destacando a relação entre os

seres e criticando os estudos comunicacionais que se preocupam apenas com a transmissão da informação.

Ao exercício da comunicação, interessa mais a natureza dos laços mútuos entre os comunicantes do que a natureza dos comunicantes em si. Nenhum comunicante tem prioridade causal sobre o outro, mas cada comunicante constitui um elo indispensável na cadeia da causalidade circular da comunicação (PERUZZOLO, 2006, p. 111).

Neste sentido, o pensamento de Peruzzolo (2006) e Primo (2007) trazem reflexões sobre a questão crucial da comunicação humana que é a relação com o outro, contribuindo para esta reflexão que se desloca no sentido de pensar o tipo de interação que os indivíduos e instituições estão realizando por meio da Internet, inferindo com isso, na necessidade de existirem laços mútuos entre os comunicantes no espaço virtual, para que o princípio essencial da comunicação se efetive e possibilite a participação.

2.1 – Interações mútuas e reativas

Primo (2000, 2007) com base em estudos sobre comunicação interpessoal elabora duas tipologias de interação mediada por computador, a mútua e a reativa, as quais pretendem auxiliar nos estudos sobre interatividade. Com base nesses dois tipos de interação o autor analisa as dimensões de sistema, processo, operação, fluxo, *throughput*, relação e interface.

Para categorizar o estudo sobre “interação mútua” e “interação reativa” Primo (2000) sugere que esses dois tipos de interação podem ser discutidos com base nas seguintes dimensões: sistema (um conjunto de objetos ou entidades que se inter-relacionam entre si, formando um todo); processo (acontecimentos que apresentam mudanças no tempo); operação (a produção de um trabalho ou a relação entre a ação e a transformação; fluxo (curso ou seqüência da relação); *throughput* (os que se passa entre a decodificação e a codificação, *inputs* e *outputs*); relação (o encontro, a conexão, as trocas entre elementos ou subsistemas); interface (superfície de contato, agenciamentos de articulação, interpretação e tradução).

Quanto aos “sistemas” Primo (2000) define que a interação mútua se caracteriza como um sistema aberto, voltado para a evolução e o desenvolvimento, e a interação reativa se caracteriza como um sistema fechado, não evolui, age apenas naquilo que já foi previsto. Com relação ao “processo” a interação mútua se dá através da negociação e a interação reativa se dá por estímulo-resposta.

Quanto à “operação”, Primo (2000) explica que a mútua ocorre através de ações

interdependentes, onde cada agente influencia o comportamento do outro e também tem seu comportamento influenciado. Já os sistemas reativos estão fechados na ação e reação, quando um pólo age o outro reage. O processo que ocorre entre um pólo e outro, entre uma ação e uma reação, ou melhor, entre um *input* e um *output* é chamado de *throughput*. Esse processo na interação mútua não se dá de forma mecânica como ocorre na interação reativa, pelo contrário, cada mensagem recebida por um interagente é interpretada e decodificada pelo outro, podendo gerar uma nova codificação.

Quanto ao “fluxo”, Primo (2000) observa que os sistemas de características mútuas se caracterizam por possuir um fluxo dinâmico e em desenvolvimento, em contrapartida o fluxo reativo se apresenta de forma linear e pré-determinada, agindo apenas por *feedback*. Já quanto à “relação” a interação mútua se dá pela construção negociada entre os interagentes, e na interação reativa ela é causal, na relação causa e efeito pré-determinados.

E na última dimensão apresentada por Primo (2000), quanto à “interface”, o autor sugere que os sistemas interativos mútuos se interfaceiam virtualmente, enquanto que os sistemas reativos apresentam uma interface potencial. Para que uma interface seja plenamente interativa, ela necessita trabalhar na “virtualidade, possibilitando a ocorrência da problemática e viabilizando atualizações. Por outro lado, uma interface reativa resume-se ao possível, que espera o clique do usuário para realizar-se” (PRIMO, 2000, p.88).

Primo (2000) ainda atenta para o fato de que em muitos relacionamentos a comunicação pode se dar através de vários canais, como através da fala, gestos, *softwares* e, nestes casos, trata-se de uma multi-interação, pois ocorrem interações simultâneas podendo, em muitos casos, se estabelecer interações reativas e mútuas de modo simultâneo. Também o autor se refere a uma questão que pode emergir quanto à inteligência artificial que, para ele, neste caso ainda se presencia uma forma de atividade reativa, “porém, como o avanço da área, pode-se talvez pensar em um sub-tipo, intermediário e de transição: uma interação pseudo-mútua”. (PRIMO, 2000, p. 89).

Primo (2000) destaca que o computador enquanto “meio de comunicação” pode proporcionar uma interação mútua, mas que isso vai depender da relação estabelecida entre os interagentes, pois por enquanto a relação estabelecida entre o homem e a máquina é uma interação de tipo reativa. Reduzir a interação a aspectos meramente tecnológicos, em toda e qualquer situação interativa, é fechar os olhos para o que há além do computador, embora não se possa negar que mesmo a mais automatizada das trocas de sinais é, sim, uma forma de interação. Ou seja, o intuito de Primo (2000), adotado por nós, almeja diferenciar os tipos de interação e não classificá-las como boas ou más, ideais e não-ideais.

2.2 – Interação e participação

Se o conceito de “interação” por si só já é problemático, relacionar interação e participação na Internet se torna uma tarefa ainda mais difícil. Neste trabalho partimos da hipótese de que para que ocorra participação por meio da Internet se faz necessário que exista o tipo de interação caracterizada por Primo (2000 e 2007) como “interação mútua”, já que a participação pressupõe uma inter-relação entre os participantes, e no caso da Internet entre os interagentes.

Para conceituar o termo participação partiremos da contribuição de Cicília Peruzzo (2004), a qual baseada nos conceitos de Juan Díaz Bordenave (1988), Francisco W. Ferreira (1985) e Pedro Demo (1988), elabora diferentes níveis de participação, desde a passividade à participação-poder. Para ela, a “participação passiva” caracteriza o exercício do poder do tipo autoritário, em que os submetidos a esta aceitam pacatamente as decisões impostas; a “participação controlada” é detectada nos órgãos do poder público, em que a massa da população é convidada a participar, a população vota, mas depois não acompanha o efetivo uso do poder pelos representantes por ela designada, ou seja, é uma participação limitada, controlada e até manipulada (dependendo da situação); e na “participação-poder” ou “poder compartilhado” encontram-se modelos de “co-gestão” (acesso ao poder e à sua partilha, mas com limitações), e de “autogestão” (participação direta no que se refere à tomada de decisões).

Quando se fala em participação sempre nos vem à idéia de que ela deve ser compartilhada em todos os aspectos, ou seja, de acordo com a “autogestão”, citada por Peruzzo (2004). No entanto, a participação efetiva não significa que todos tenham que tomar as decisões todo o tempo, é importante que um grupo, uma organização, a sociedade, tenha representantes. Neste caso, a participação dependerá da vontade política de cada indivíduo de cobrar de seus representantes as decisões que foram tomadas conjuntamente pela maioria.

...não se deve “sacralizar” a participação: ela não é panacéia nem é indispensável em todas as ocasiões. (...) É claro que é o próprio grupo que deve decidir, participativamente, quando tais ou quais membros devem participar ou não, em qual atividade, e quais [atividades] devem ser objeto de consulta geral ou somente de decisão por um grupo delegado. A participação não equivale a uma assembléia permanente nem pode prescindir de utilizar mecanismos de representação (BORDENAVE, 1988, p. 80).

Dessa forma, nas organizações em que a participação se faz necessário é indispensável que se tenham representações adequadas, bem como dispositivos midiáticos que permitam a participação de todos na tomada de decisões, mesmo que a execução das ações seja dividida. No caso em questão, a adoção de sites institucionais pelos sindicatos como forma de “interatividade” e conseqüentemente de “participação” requer uma reflexão profunda sobre a forma como estes dispositivos estão sendo utilizados, se eles promovem uma interação do tipo “mútua” ou “reativa”. Assim, acreditamos que a participação por meio da Internet só se dá através da interação do tipo mútua, em que ocorre uma relação de negociação, de envolvimento entre os interagentes, possibilitando que estes opinem, contribuam e ajudem a construir as ações que serão desenvolvidas pelos movimentos sindicais.

3 – Práticas e estratégias de comunicação sindical na Internet

No intuito de exemplificar o referencial teórico aqui apresentado, faz-se breve síntese crítica a respeito dos sites institucionais de quatro sindicatos ligados aos profissionais da área de Educação, justificando a escolha pela proximidade do campo científico em geral com o contexto ao qual os profissionais da Educação estão inseridos e, parte destes, vinculados a uma dessas instituições sindicais. Optou-se por selecionar os sindicatos de professores que tivessem relação com os profissionais situados no município de Santa Maria – RS. Assim, os sites das instituições selecionadas foram: www.cpers.com.br, site do Cpers-Sindicato (Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul – Sindicato dos Trabalhadores em Educação), o qual abrange professores e funcionários de escolas da rede estadual; www.sinprosm.com.br, site do Sinprosm (Sindicato dos Professores Municipais de Santa Maria), o qual abrange os professores das escolas municipais de Santa Maria – RS; www.sinprors.org.br, site do Sinpro-RS (Sindicato dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul), o qual abrange os professores e funcionários das escolas privadas do Rio Grande do Sul; www.sedufsm.com.br, site da Sedufsm (Seção Sindical dos Professores Docentes da UFSM – Universidade Federal de Santa Maria).

Observando os quatro sites institucionais verifica-se que três deles apresentam características muito semelhantes, que são os sites do Cpers-Sindicato, Sinprosm e Sedufsm: possuem estrutura simples, as seções estão alinhadas na parte superior, esquerda e/ou direita, com as notícias recentes e os principais destaques localizados na parte central da tela, como exemplo, a foto da capa do jornal impresso. Estes três sites trazem conteúdos e seções muito parecidas, tais como: histórico, link para sindicalização, agenda de eventos, fotos, multimídia,



diretoria, etc.; além de apresentarem o jornal impresso da instituição, disponível em formato de arquivo PDF.

O site do Cpers-Sindicato não dispõe de nenhuma ferramenta que promova a interação e participação do sindicalizado, sendo que a única forma do internauta ou usuário se comunicar com a instituição por meio da internet é pelo tradicional “fale conosco”, ou seja, o envio de e-mail. No site do Sinprosm não é muito diferente, até existe uma seção denominada “Interação” (Enquete/Pesquisa – a qual informa que está em construção/ Dúvidas Frequentes – em construção/ Contato – envio de e-mail). Assim, observa-se que o site do Sinprosm, embora aparente uma pretensão de estabelecer a interação com o sindicalizado, não explora essas potencialidades. Em relação ao site da Sedufsm, além das seções semelhantes a dos sites do Cpers-Sindicato e do Sinprosm há uma seção denominada “Grupos de Trabalho” que poderia sugerir alguma ferramenta de interação, mas, ao contrário, nesta seção são indexadas apenas relatórios desses grupos que já estão formalizados em outro meio que não o site. Ainda possui a seção “Resultado Enquetes” que, pelo que se pode apreender que são enquetes realizadas no próprio site, por um período determinado, e depois transformadas em seção. Ao se observar estas enquetes, verificou-se que as mesmas foram construídas em torno de uma pergunta central, sobre um tema polêmico, com três ou quatro opções para o internauta fornecer respostas do tipo “sou contra, pois...”. Pelo número total de votos e a porcentagem de votação em cada resposta, observa-se pouca participação na grande maioria das enquetes.

O site do Sinpro-RS, além das informações similares aos demais sites já observados, se apresenta de modo diferenciado pela grande quantidade de informações que dispõe. Somando-se as informações institucionais ele possui ainda links de bibliotecas, museus, dicionários, enciclopédias, etc., além de utilizar algumas estratégias de animação, como na barra superior onde em movimento anti-horário são postadas as manchetes de notícias recentes. As fotos das páginas do jornal impresso ficam se alternando na página inicial, e o jornal impresso é formatado também para ser lido online, com as editorias distribuídas em seções, sendo que o jornal impresso não está disponível em formato de arquivo PDF, como nos demais, mas já no formato online, como já dito. O Sinpro-RS disponibiliza gratuitamente aos sócios uma página pessoal e endereço eletrônico. No link para “página pessoal” tem-se o seguinte aviso: “Por motivos de segurança, este serviço está temporariamente fora do ar. Pedimos desculpas pelo transtorno. Para mais informações, por favor, entre em contato pelo endereço...” (www.sinprors.org.br, acesso em 15/04/2009). Apesar do grande número de informações e serviços observa-se também a limitação no uso de ferramentas de interação e participação.

A análise dos sites institucionais revela que os sindicatos se utilizam da internet como uma ferramenta para mostrar outros meios de comunicação e mídias já consolidadas, ou como uma espécie de “grande” arquivo, com histórico, documentos, prestação de serviços (como ficha de sindicalização, tabela de cálculo de salário, etc.), ou seja, como um meio que ao invés de convidar o sindicalizado para “ir” até o sindicato, faz o contrário, disponibiliza serviços que evitam o contato, a interação e, conseqüentemente, a participação. Essa observação, longe de querer inferir uma visão pejorativa quanto à intencionalidade destas instituições, quer apenas destacar que estas, assim como tantas de outros setores da sociedade, estão se utilizando da internet de um modo que pode ser considerado como ingênuo, pois muitas elaboram um site institucional para seguir as tendências, como um “modismo”, para se adequarem a esse novo modo de comunicação, sem pensar no quanto a internet pode possibilitar bons resultados se explorada em todas as suas potencialidades.

4) Questionamentos finais

Como já visto, inseridos em uma sociedade midiaticizada, os indivíduos e organizações se utilizam das ferramentas midiáticas para interagirem, bem como para conquistarem visibilidade e legitimidade. Mas a essência desse processo não está na utilização desses dispositivos, mas sim na forma como estes qualificam e dão sentido ao tipo de interação e comunicação que resulta dessas estratégias. Assim, ao adotar um site institucional uma instituição sindical necessita se preocupar não apenas com a visibilidade, com a forma técnica e estética em que está sendo vista na internet, mas principalmente no modo como irá se utilizar dessa nova ambiência para ser reconhecida, para promover a interação com seus sindicalizados, bem como buscar a participação e o envolvimento destes com as questões que envolvem os objetivos desse determinado sindicato.

Pedro Demo (1993, p. 34) destaca que entre os canais de participação possíveis por meio da organização da sociedade civil está a importância da organização sindical, já que para ele o sindicalismo é vital para a realização do direito ao trabalho. Este é por ele considerado como a forma típica de contato e transformação da natureza através da qual se obtém a sobrevivência material. Sendo assim, a mola propulsora do trabalho, ou seja, o sindicalismo se torna um canal essencial de participação na sociedade democrática.

Muitos sindicatos adotam sites institucionais apenas com o intuito de se adequar a esta nova ambiência, sem se preocupar na forma como este novo dispositivo poderá possibilitar reconhecimento, interação e participação. Ou seja, ao colocar um site institucional na Internet apenas para reproduzir outras formas de comunicação, como fotos, artigos, notícias iguais ao



do jornal impresso pela instituição, histórico, estatuto, arquivos de dados, etc., não se está explorando a potencialidade desse meio para ampliar a participação e a mobilização dos sindicalizados. Assim, se faz necessário que esta ambiência possibilite a interação e a participação dos mesmos, por meio do uso das potencialidades possibilitadas por ela, como coloca Denis de Moraes:

As ferramentas da Web podem propiciar aos movimentos sociais uma intervenção ágil em assuntos específicos, acentuando-lhes a visibilidade pública. Outro fator positivo é a constituição de comunidades virtuais por afinidades eletivas. Formam-se, assim, coletivos em rede, por aproximações temáticas, anseios e práticas comuns de cidadania. Eles compartilham ações sociopolíticas, tendo em vista o fortalecimento dos laços comunitários e de uma ética por interações, assentada em princípios de diálogo, de cooperação e de participação (MORAES, 2000, p.154).

O autor destaca ainda pelo menos dois quesitos que desafiam o pleno aproveitamento da Internet pelos movimentos progressistas, que consiste na necessidade de políticas competentes de comunicação eletrônica, capazes de ampliar o raio de difusão dos sites que ainda é restrito; e também a exigência de se ampliar substancialmente o número de usuários, o que pressupõe a superação de obstáculos econômico-financeiros e a simplificação dos procedimentos informáticos para se acessar a rede.

Tornar as páginas mais conhecidas dos internautas implica expandir redes, parcerias e intercâmbios; divulgar sistematicamente os sites junto a setores da sociedade civil, tanto pelos meios tradicionais, como por boletins e eventos eletrônicos; e promover chats, conferências e seminários voltados à discussão de estratégias comunicacionais para a Internet. Isto é decisivo para fazer sobressair as reivindicações no oceano virtual e, ao mesmo tempo, resgatar um mínimo de cultura de solidariedade social (MORAES, 2000, p.155).

Compartilhamos com Moraes (2000) desse mesmo pensamento, pois acreditamos que os sindicatos, além de estarem na Internet, precisam explorar as potencialidades desse meio, para revigorar a participação dos seus sindicalizados, contribuindo para a formação de uma consciência coletiva e reforçando o papel dessas instituições na busca pela valorização dos trabalhadores e por melhores condições de trabalho. Desse modo, para explorar esta nova ambiência se faz necessário utilizar dispositivos que possibilitem a interação de tipo mútua, em que os interagentes possam participar dos debates e discussões, interajam efetivamente e contribuam para a legitimação do sindicalismo. Assim sendo, como colocamos na introdução deste trabalho, o contexto cibercultural exigiu que muitas instituições, entre estas os Sindicatos, ofertasse outras possibilidades de visibilidade, “interação” e “participação”, como



no caso dos sites institucionais. Só que, os usos que muitas instituições, como no nosso exemplo dos Sindicatos, estão fazendo da Internet não está preenchendo essas exigências do contexto cibercultural, já que os seus sites não promovem a interação e participação, logo, perderão inclusive a visibilidade, pois se não atraírem seus públicos com ferramentas próprias para esse meio perderam a lógica de sua existência no ambiente da Internet.

Referências Bibliográficas:

AXELROD, Robert. *The complexity of cooperation: agent-based models of competition and collaboration*. (1997). Princeton: Princeton University Press, 232p. In: PRIMO, Alex. Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

BERGER, P. & LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1997.

BORDENAVE, Juan Díaz. O que é participação, 1988 (p. 80). In: PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania. 3ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CPERS-Sindicato, site do. Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul – Sindicato dos Trabalhadores em Educação. Disponível em: www.cpers.com.br, acessado em 15/04/2009.

DEMO, Pedro. Participação é conquista, 1988. In: PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania. 3ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. Participação é conquista: noções de política social participativa. 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 1993.

FAUSTO NETO, Antônio. O discurso político entre recusas e controles das estratégias enunciativas midiáticas: observações sobre a midiatisação da campanha eleitoral de 2006. In: Revista Galáxia, São Paulo, n.11, p. 143-165, jun. 2006.

FERREIRA, Francisco W. A participação da comunidade e a criação de órgãos municipais de apoio, 1985. In: PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania. 3ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MARTINS, Francisco Menezes. Cyberspace e os sujeitos da interatividade. Brasília: E-Compós, n.9, agosto de 2007.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. (1969). São Paulo: Cultrix, 408p.

MORAES, Denis de. Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na Internet. In: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Vol. XXIII, nº2, julho/dezembro de 2000, p.142-155.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania. 3ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

PERUZZOLO, Adair Caetano. A comunicação como encontro. Bauru, SP: Edusc, 2006.

PRIMO, Alex. Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo. Porto Alegre. Revista da



Famecos, n.12, p.81-92, jun.2000.

_____. Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Estratégias da Comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade. 2ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

SEDUFISM, site da. Seção Sindical dos Professores Docentes da UFSM – Universidade Federal de Santa Maria – RS. Disponível em: www.sedufism.com.br, acessado em 15/04/2009.

SINPRO-RS, site do. Sindicato dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: www.sinprors.org.br, acessado em 15/04/2009.

SINPROSM, site do. Sindicato dos Professores Municipais de Santa Maria – RS. Disponível em: www.sinprosm.com.br, acessado em 15/04/2009.

SHANNON, C; WEAVER, W. *The mathematical theory of communication*. (1962). Urbana: *University of Illinois*. In: PRIMO, Alex. Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SODRÉ, Muniz. Antropológica do Espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede. 2ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

THOMPSON, John B. A nova visibilidade. In: MATRIZES, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo – USP. Ano 1; Nº 2; Abril de 2008.